

Não-objetos: aspectos da espacialidade em Lygia Pape e Hélio Oiticica

Débora Brombal Visnadi (IC)

Resumo

Esta pesquisa analisa a produção artística tridimensional de Lygia Pape e Hélio Oiticica a partir da década de 1960, adotando como base o conceito de “não-objeto” cunhado por Ferreira Gullar em 1959, ideia que introduz a participação ativa do espectador como parte fundamental da obra. Leva-se em consideração para análise a conseqüente dimensão temporal que permeia a interação da obra com o público, bem como a aproximação entre os artistas pela forma como abordam o sujeito em contato com o meio, e as discussões a respeito do momento histórico-artístico em que se inserem tais obras.

Palavras Chave: Hélio Oiticica, Lygia Pape, não-objeto

Introdução

O conceito de “não-objeto” surge junto ao movimento artístico Neoconcretismo, propondo uma revisão crítica dos rumos que tomava a racionalização da arte concreta, buscando aspectos da sensorialidade na arte enquanto ainda ligados à geometrização.

Intenta-se evidenciar nessa pesquisa os elementos da obra de Hélio Oiticica que permitem apresentar conexões com a produção artística de Lygia Pape, uma vez que se preocupam com a atuação do sujeito no mundo. Suas experiências não se dão somente de maneira introspectiva (como em Lygia Clark, artista cujo nome sempre acompanha o de Oiticica nos estudos teórico-críticos sobre o período), mas buscam a conscientização e transformação do indivíduo no lugar em que habita.

Resultados e Discussão

Sem nunca deixar o aspecto plástico de lado, é possível notar nos trabalhos *Ovo* (1968), *Divisor* (1968) e *Roda dos Prazeres* (1968) de Lygia Pape, *Parangolé* (1964) e *Cosmococa* (1973) de Hélio Oiticica, aqueles que se caracterizam como o ponto máximo da integração entre obra e público.

Ao romper a película plástica do cubo em *Ovo* o espectador deixa seu abrigo e se entrega ao mundo; semelhante sensação de proteção está presente também em *Divisor* – grande pano quadrado de 30 metros de lado com fendas regulares para que os diversos espectadores vistam juntos o manto – e nos *Parangolés* de Hélio Oiticica – capas que o espectador deve vestir, pondo a cor em movimento.

O abrigo, característica de construções, evidencia um viés arquitetônico presente nessas obras; enquanto as *Cosmococas*, por se tratarem de instalações, já possuem tal natureza. No entanto, a sensação de abrigo é maior nas três

obras antes mencionadas devido ao enfoque no movimento do corpo, enquanto em *Cosmococa* e *Roda dos Prazeres*, obra em que o espectador degusta líquidos de diversas cores, o enfoque dado aos sentidos é de maior importância que o movimento do corpo propriamente dito.

Ademais, a *Roda dos Prazeres* e o *Ovo* são caracterizados por uma ação fechada – o sair da “casca”, o experimentar das cores – ao contrário das outras, mais abertas para experimentação, ainda que possuam um percurso inicial.

Conclusões

Apesar da busca dos artistas pelo sujeito transformador do mundo, suas obras propõe primeiramente que o indivíduo entre em contato consigo mesmo para então partir para o meio.

A percepção espacial que o espectador tem não só frente mas junto à obra apresenta uma perspectiva que concerne o tempo que cada um tem como parte dela; além disso, a dimensão temporal pode dizer respeito também ao distanciamento que se tem do período em que as obras foram concebidas, uma vez que as questões ambientais e relações com o corpo exploradas eram diferente das que se apresentam na atualidade.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Prof^a Dr^a Sylvia Furegatti, pelo apoio e direcionamento durante a evolução da pesquisa. Agradeço também a todos que fizeram parte deste ano de estudos, de forma direta ou através de contínuos incentivos.

¹ FERREIRA, Glória (Org.). *Crítica de arte no Brasil: temáticas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Funarte, 2006.

² MACHADO, Vanessa Rosa. *Lygia Pape – espaços de ruptura*. São Paulo: Annablume, 2010.

³ PEQUENO, Fernanda. *Lygia Pape e Hélio Oiticica: conversações e fricções poéticas*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013.

⁴ TASSINARI, Alberto. *O espaço moderno*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.